

## «Como é a tua língua portuguesa?»

### Vamos conversar, bater papo, barulhar...»

Université de Genève

4 de maio de 2023

#### Resumos e notas biográficas

#### O português no seio do conjunto das línguas românicas

O título da minha intervenção implica a ideia de *posição*. Qual é a posição do português entre as línguas românicas? Uma resposta tradicional poderia partir de uma linha ideal entre o latim e as línguas românicas na qual as línguas seriam colocadas segundo o seu grau de afastamento do latim. O francês apareceria no lado oposto ao latim, sendo ele considerado, em geral, a língua românica mais “avançada”. No entanto, o português estaria relativamente perto do latim pelo seu “carácter arcaico” refletido em vários traços.

Este carácter arcaico foi explicado pelo transcurso da romanização e pela posição lateral da Lusitânia, junto com a Daco-România, no Império Romano. Mas esta visão é muito parcial e só pode ser um ponto de partida. O português apresenta-se também, como veremos, como língua inovadora em diferentes aspetos.

Também haveria que discutir, tal como farão as outras intervenções, o que é realmente “o português” posto que se trata de um denominador comum de diversas realidades.

**Johannes Kabatek** é professor catedrático de filologia românica, com especial incidência na linguística ibero-românica, na Universidade de Zurique desde 2013; anteriormente, foi professor nas universidades de Tübingen e Freiburg im Breisgau. Estudou Filologia Românica, Ciências Políticas e Musicologia na Universidade Eberhard Karls de Tubinga, onde foi discípulo de Eugen Coşeriu e de Brigitte Schlieben-Lange. Foi Professor convidado das universidades da Corunha, Santiago de Compostela, Vigo, Granada, Sevilha, São Paulo, Universidade Católica de Valparaíso e Universidade George-Washington de Saint Louis. Em 2016, recebeu um doutoramento honoris causa da Universidade de Suceava (Roménia).

#### Contextos de seleção do modo conjuntivo, em português. Elementos de comparação com o francês.

No quadro da comparação entre línguas românicas (LR), uma das questões que se justifica observar e contrastar é a variação que existe quanto à obrigatoriedade de seleção do modo conjuntivo, em determinados tipos de orações. Essa variação depende, em geral, de fatores como o valor de verdade atribuído à asserção, a semântica do verbo da oração subordinante ou a presença de elementos adverbiais, entre vários outros aspetos. Por exemplo, em orações subordinadas finitas na dependência de um verbo subordinante aparentemente equivalente, diferentes LR apresentam diferentes opções quanto ao modo verbal, como nos seguintes exemplos: com conjuntivo na subordinada, (i) *espero que o jantar te*

*agrade* (port.), (ii) *espero que la cena te agrade* (esp.), (iii) *spero che la cena ti piaccia* (ital.); com indicativo na subordinada, (iv) *j'espère que le dîner te plaira* (fr.). Internamente a cada língua, por seu lado, existem verbos subordinantes que determinam o uso do conjuntivo na subordinada e outros que admitem alternância entre indicativo e conjuntivo (p. e., em português, *imagino que ele chegará tarde – imagino que ele chegue tarde*), conforme o valor de verdade atribuído pelo falante à sua asserção. Neste âmbito, e após apresentar brevemente os casos de alternância de modo, em português, centrar-me-ei nos critérios de seleção obrigatória do conjuntivo, nesta língua, estabelecendo contrastes com o francês e assinalando dificuldades com que falantes que usam ambas as línguas previsivelmente se deparam.

**Maria Antónia Mota** é doutorada em Linguística pela Universidade de Lisboa. Professora associada da Faculdade de Letras de Lisboa (aposentada), desenvolve a sua atividade atual como investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), no Grupo de Diacronia e Dialectologia. Ao longo do tempo, tem (co)coordenado e integrado vários projetos de investigação nacionais e internacionais, nomeadamente, e em particular no âmbito da morfologia e suas interfaces, sobre variação linguística em português europeu e sobre comparação entre variedades do português europeu, brasileiro e africano, . Nesta segunda vertente de pesquisa, integra o Projeto internacional COMPARAPORT (associado à ALFAL). Foi membro da Comissão Organizadora da *Gramática do português* (CLUL/Fundação Gulbenkian) e, desde 2021, é cocoordenadora do Projeto MAPEAR (parceria FLUL/Universidade de Rabat), destinado à criação de materiais didáticos de PLE para falantes arabófonos.

### **Por trás de uma norma padrão há sempre vários dialetos: o caso do português europeu**

A emancipação que, um pouco por todo o hemisfério ocidental, a linguística moderna tem defendido para os mais variados sistemas dialetais não encontra sempre correspondência na perceção dos falantes comuns. Os dialetos são frequentemente vistos como variedades menos *corretas*, menos *úteis* ou menos *legítimas* do que as normas padrão respetivas, o que cria uma cisão artificial entre estas — as *melhores* variedades — e aqueles — as variedades *possíveis*. Nesta comunicação abordaremos dois tópicos principais: (i) o grau de *dialetalidade* da norma padrão do português europeu, que, como veremos, não é tão baixo quanto se possa pensar (ou seja, não existe nada que se pareça com uma fratura entre padrão e dialetos); e (ii) o principal movimento contracorrente que encontramos no sistema dialetal do português europeu contemporâneo: a variedade do noroeste (distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto e Aveiro, sobretudo), cujos fenómenos linguísticos diferenciadores parecem ter ganho força nas últimas décadas. O quadro final é o de uma língua viva e dinâmica, com recursos abundantes proporcionados pelas variedades dialetais e articulação eficiente entre os diferentes níveis sociolinguísticos. Não é, porém, uma língua sem padrão, cuja razão de existência também problematizaremos.

**Fernando Brissos** é professor de linguística da Universidade de Lisboa, onde se doutorou em linguística histórica, fez um pós-doutoramento em metodologias inovadoras aplicadas à dialetologia e foi professor convidado. Foi igualmente docente de estudos portugueses na Universidade de Zurique e, na mesma instituição, diretor da Cátedra Carlos de Oliveira do Instituto Camões. Os seus interesses de investigação incidem principalmente na crítica textual, na linguística histórica e na dialetologia ibero-românicas.

### **“& consigo leuaraõ sua lingoa”: O português em fluxo e transformação**

No início do séc. XVII, imbuído de evidente patriotismo, Duarte Nunes de Lião afirmava que ninguém se tinha apartado tanto da sua terra como os portugueses, pois “[...] penetrarão tudo o que o mar Oceano cerca, & consigo leuaraõ sua lingoa”. Porém, esta alusão ao movimento expansionista que, nos dois séculos anteriores, transportara a língua até múltiplos territórios omite que, em cada um deles, o português encontrou contextos sociais e linguísticos diferentes, o que induziu percursos diacrónicos também diversos. Nesta comunicação, daremos particular atenção a algumas das variedades de português menos divulgadas e exploraremos o papel desta língua na formação de novos idiomas.

**Hugo C. Cardoso** é Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo previamente trabalhado em Macau e Hong Kong. Licenciou-se em Línguas Modernas na Universidade de Coimbra e tem Mestrado e Doutoramento em Linguística pela Universidade de Amesterdão. A sua pesquisa aborda principalmente o contacto linguístico envolvendo a língua portuguesa na Ásia Meridional, com particular enfoque nos crioulos luso-asiáticos que aí se formaram, mas também no Sudeste Asiático e no Suriname.

### **O português brasileiro: elementos históricos e panorama sociolinguístico atual.**

O português brasileiro (PB), língua materna de 98% da população brasileira, nem sempre foi a língua da maioria da população. A condição de língua majoritária do português é, na verdade, recente no Brasil (Lucchesi 2017; Baxter e Lucchesi 2009). São vários os aspectos étnicos, políticos e históricos que contribuíram para a formação da atual situação sociolinguística do Brasil e da língua efetivamente usada pelos brasileiros (Bagno 2007; Castilho 2008). Segundo esses pressupostos, farei uma breve apresentação histórica da formação do PB e ilustrarei aspectos da situação sociolinguística do Brasil contemporâneo.

**Katia de Abreu Chulata** é doutorada em Estudos Linguísticos, Histórico-Literários, pela Università del Salento (Itália-2014), com a tese *Identità traduttive: narrazione e auto-narrazione*. Tem experiência na área da linguística, com ênfase em Português Língua Estrangeira e Português Língua de Herança e tradução. É professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi "Gabriele d'Annunzio", de Chieti-Pescara, Itália.

## **Aspectos sociolinguísticos do português em Moçambique**

A língua portuguesa é reconhecidamente pluricêntrica, estando a desenvolver características sociolinguísticas associadas aos variados espaços territoriais dos diversos países onde ela é usada. Neste sentido, esta comunicação pretende reflectir sobre a sua situação actual em Moçambique (PM), tendo em conta a sua moçambicanização (isto é, nativização do Português de Moçambique). Abordará aspectos sociopolíticos contextualizantes bem como alguns traços linguísticos que peculiarizam a sua adopção em Moçambique.

**Gregório Firmino** é Professor Associado na Universidade Eduardo Mondlane, no Departamento de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais e Director da Cátedra de Português-Língua Segunda e Estrangeira da mesma universidade. Entre outros cargos foi também director da faculdade onde leciona. É doutorado em Antropologia Sócio-Cultural, com enfoque em Antropologia Linguística, pela Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos com a tese *A ‘Questão Linguística’ na África pós-colonial: O caso do português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. Já tinha feito o Mestrado (MA) em Antropologia Sócio-Cultural, na mesma nuiversidade e a licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses na Universidade de Coimbra. A sua pesquisa trata sobretudo da situação plurilingue de Moçambique e das particularidades do português e do seu ensino nesse contexto.